

ISSN: 2176-5960

PROMETEUS FILOSOFIA

maio - agosto de 2017

número 23

ISSN: 2176-5960

HUME, DAVID. *Diálogos sobre a Religião Natural*. Tradução de Bruna Frascolla Bloise. Salvador: Edufba, 2016.

Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro

Os *Diálogos sobre a Religião Natural* estão, certamente, entre as obras mais conhecidas de David Hume. Dividido em doze partes, o texto examina, por meio de um diálogo entre o místico Demea, o deísta Cleantes e o céptico Filo, diversos argumentos acerca da existência e da suposta natureza da divindade. Trata-se de publicação que gerou enorme controvérsia. Hume afirma, em carta de 10 de março de 1751 a Sir Gilbert Elliot, que faz de Cleantes “o herói” da história. Ainda, em outra correspondência, remetida em 8 de junho de 1776 a William Strahan, seu editor, Hume pretende convencê-lo a publicar os *Diálogos*, não sem apresentar a ressalva de que, ainda que o céptico seja silenciado ao final, a obra apresenta, antes disso, tópicos que poderiam gerar comoção. O alerta é bastante compreensível, já que, ao longo da obra, temos críticas bastante ferrenhas a argumentos clássicos a favor da existência de Deus, tais como o argumento do desígnio, as quais são deixadas, frequentemente, sem resposta. Pode-se dizer, aliás, que esse é o aspecto de que Hume se ocupa na maior parte do livro.

Entretanto, sabe-se que não se podem acatar prontamente as afirmações de que Cleantes seria o herói que defenderia posições corretas. Ainda que seja possível identificar momentos em que cada uma das personagens adota posições que Hume poderia considerar defensáveis, parte considerável dos especialistas considera que as posições de Filo estariam mais próximas das do autor. Convém lembrar, a esse respeito, a clássica interpretação de Gaskin (1988), que mostra que a “conversão” de Filo, já nas

últimas passagens da Seção XII, pressupõe como que um esvaziamento da ideia de Deus.

Não causa espanto, então, que a publicação tenha sido alvo de certas complicações. Hume confiou manuscritos a Adam Smith, grande amigo (e a quem enviou sua última carta, tratando, justamente, de instruções para a publicação dos *Diálogos*), a William Strahan e, também, a seu próprio sobrinho, David. Tanto Smith quanto Strahan se recusaram a publicar a obra, que só veio a público por conta do zelo de David no que tocava ao último desejo de seu tio.

Ainda que a publicação dos *Diálogos* tenha corrido riscos consideráveis, a obra acabou por se tornar uma das mais conhecidas de Hume, além de ter sua importância reconhecida para estudos referentes à filosofia da religião e à epistemologia. Com isso, era inevitável que ganhasse algumas traduções para o português. São bastante conhecidas em terras brasileiras aquela empreendida por José Oscar de Almeida Marques, publicada pela Martins Fontes em 1992, e a de Álvaro Nunes, que saiu em 2005 pelas Edições 70, de Portugal. Também em 2005, outra editora portuguesa, a Gulbenkian, publicou volume traduzido por Francisco Marreiros e Pedro Galvão, que inclui, além dos *Diálogos*, a *História Natural da Religião*. São, em geral, trabalhos de boa qualidade, o que poderia suscitar dúvidas sobre a necessidade de mais uma edição em português.

Ainda que tenha sido precedida pelos esforços que acabamos de mencionar, a tradução de Bruna Frascolla se mostra, certamente, relevante. A tradução, realizada de maneira bastante rigorosa, é notável não apenas por sua precisão conceitual, mas também pelo cuidado em reconstituir, tão bem quanto possível, o estilo do original de Hume. Além disso, Frascolla optou por trabalhar a partir da célebre edição estabelecida por Norman Kemp Smith, publicada em 1987. Como se sabe, Smith realizou grandes esforços para incluir no texto informações sobre variantes, além de recorrer a parte da correspondência de Hume que permitiu jogar luzes sobre as várias revisões pelas quais os *Diálogos* passaram ao longo dos anos.

Frascolla fez bom uso das informações levantadas por Kemp Smith, tendo incluído em sua tradução diversas notas em que são indicadas passagens que foram alteradas ou incluídas por Hume através do longo processo de revisão da obra. Com isso, torna-se mais acessível ao público brasileiro o histórico de revisões dos *Diálogos*. Outro grande acerto da tradutora foi incluir no volume algumas cartas de Hume em que o autor trata do processo de composição dos *Diálogos*, além de outras em que, à beira

da morte, tendo sido convencido a não lançar uma obra tão controversa enquanto estivesse vivo, ele busca assegurar que ela seria publicada postumamente. Assim, o leitor tem à sua disposição não apenas inserções e alterações que Hume realizou no texto, mas também documentos que contem a história tortuosa que resultou na publicação deste.

O volume se encerra com um Posfácio, que Frascolla nos informa ter sido elaborado a partir de sua dissertação de mestrado. Trata-se de texto bem redigido e rigoroso, que serve não apenas como uma boa introdução à leitura dos *Diálogos*, mas, também, como um texto que será de interesse para aqueles que estiverem à procura de uma porta de entrada para as questões relativas à maneira como eles se relacionam com a epistemologia humiana.

Ao fim e ao cabo, deve ser evidente, a partir do que já foi dito, que a tradução de Bruna Frascolla publicada pela UFBA é de enorme interesse para a comunidade brasileira de estudiosos de Hume. Ao reunir em um único volume informações que normalmente estão bastante dispersas, ela cumpre uma tarefa importante para a boa compreensão do modo como, ao longo do desenvolvimento de sua filosofia, Hume lidou com os temas que aparecem nos *Diálogos*. Além disso, a adição de traduções de cartas pertinentes e do Posfácio mostra-se uma estratégia interessante: em tempos nos quais os estudos humianos vêm ganhando corpo em nosso país, esse tipo de aparato torna-se fundamental, especialmente quando pensamos que parte significativa do público interessado talvez não tenha acesso aos textos originais das cartas ou a boa bibliografia secundária. Nesse sentido, o volume estabelecido por Frascolla se torna importante, também, por possibilitar, eventualmente, um tratamento mais ambicioso dos diálogos no âmbito de disciplinas de graduação. Além disso, o trabalho certamente também é de grande interesse para professores e estudiosos, por conta do trabalho primoroso de tradução e do esforço de apresentar de maneira efetiva e agradável o contexto de revisões e de publicação dos *Diálogos*.